atelier de artista

Homenagem a Anna Bella Geiger

Adriana Montenegro . Ana Luiza Mello .
Antonio Garcia . Augusto Herkenhoff . Belladonna .
Benjamin Rothstein . Bill Allen . Carla Crocchi . Carmen Bello . Cerise E. .
Chica Granchi . Claudia Carneiro . Claudia Watkins . Cunca Bocayuva . Deneir . Dirce Fett .
Dora Portugal . Eduarda Serra . Gloria Conforto . Guto Goulart . Hortensia Pecegueiro .
Ilda Fuchshuber Falacio . Iraceia de Oliveira . Isabella Marinho . Izabel Vidal . J.C. Rocha Pinto .
Jorge Cerqueira . Lando Faria . Laudy Mendes . Leila Bokel . Lenn Cavalcanti . Let Cotrim . Lia do Rio .
Luah Jassi . Lucia Lyra . Luiz Norões . Marcelo Veiga . Marcia Cavalcanti . Maria Cecília Leão . MarQo Rocha .
Marta Bonimond . Marta Strambi . Mauricio Theo . Mauricius Farina . Miro PS . Morgana Souto Maior .
Nilton Pinho . Noemi Ribeiro . Pedro Bento . Regina Moura . Sandra Schechtman . Silvana Godoi Câmara .
Thairna Patricia Lee . Vicente Duque Estrada . Vitoria Sztejnman .

ZAGUT

Abertura
14 Janeiro às 16h
2023

Exposição
virtual permanente
www.espacozagut.com

ZAGUT

Direção Geral Zagut: Isabela Simões e Augusto Herkenhoff

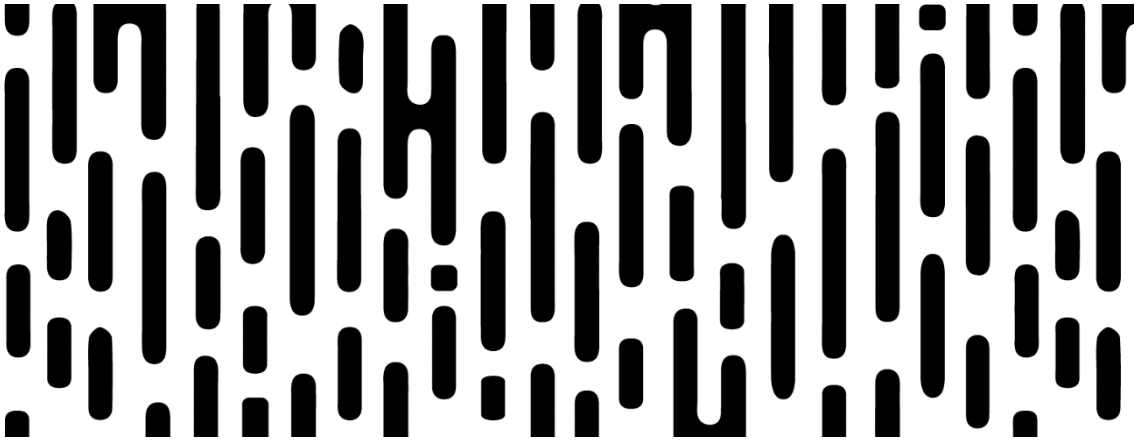
Texto Zagut: Isabela Simões

Ensaio crítico: Carlos Taveira

Edição dos vídeos: Vicente Duque Estrada e Mauricio Theo

Imagem da capa: Fernando Brum

Arquitetura de montagem galeria virtual: Leonor Azevedo, Isabela Simões.



Anna Bella Geiger - Atelie de artista

Por Isabela Simões

Preparando-se para comemorar seus 90 anos, a serem completados no dia 4 de abril, junto com o centenário de Pedro, seu companheiro da vida toda (geógrafo marxista, convidado várias vezes pela Sorbonne, que a provocou tão profundamente sobre a questão dos territórios, que fez com que o tema seja tão presente em sua obra), Anna Bella alegre como sempre, está preocupada com a quantidade de trabalho que tem para fazer.

Seu pai, um artesão de couro criativo e exímio desenhista, socialista, também a influenciou bastante. Desenhava desde criança. Pais imigrantes poloneses judeus, achavam que ser artista era um perigo. Não eram religiosos.

Ela está sempre no meio de um turbilhão de projetos, exposições as mais diversas, aulas, conversas, viagens muitas, mesmo durante a pandemia ainda com menos pessoas vacinadas.

Augusto a conhece desde a adolescência, quando frequentava a pensão onde seus irmãos estudavam e onde ficava quando vinha visitá-los. Na época a casa de Anna Bella era a base das aulas que dava. Anos mais tarde, em 1991, irá participar de coletiva no Parque Lage, Processo nº 738.765-2, onde a artista também participou. Outra exposição em que ambos participaram foi a da Mostra de Gravuras de Curitiba – Marcas do Corpo, Dobras da Alma, assim como uma das sobre Novas Aquisições de Chateaubriand no MAM RJ.

Eu a conheci nas aulas do Parque Lage, sempre que abre um curso me matriculo. De uma generosidade ímpar, junto com Cocchiarale, fazem uma “aula espetáculo”, minimamente planejada, onde cada um com mais generosidade oferece aos participantes não só seus conhecimentos, suas opiniões, mas a viagem a um mundo particular. Levá-los de carona, ela para a Paissandu, ele para a Anita, é mais uma vez uma surpresa das delicadezas que colocarão. Fiquei impressionada com a descrição de Anna Bella da exposição do Picasso na Caixa Cultural, que eu já tinha visitado, e como acrescentou inúmeros detalhes aos quais eu não tinha dado tanta atenção, concluindo: “Picasso é uma força da natureza”.

Já era fã de carteirinha da professora e da artista, mas ao visitar a exposição individual no MAM RJ “Aqui é o centro”, com curadoria de meus queridos professores Cocchiarale e Fernanda Lopes, me apaixonei completamente. Fui ao vernissage, tirei foto de tiete. Depois fui ao MASP ver a cuidadosa curadoria de Tomás Toledo e direção artística de Adriano Pedrosa em Brasil nativo/ Brasil alienígena, e a paixão aumentou. E com a Os vetores do mundo na Danielian, curadoria de Marcus Lontra, com 60 obras de diferentes épocas, conseguiu ficar ainda maior. E agora este mês, ao chegar a Madri, no Reina Sofia, lá estão obras dela, que delícia!

Mas a pessoa atrás da artista se mostrou bem claramente quando abrimos a Zagut. Deu uma força enorme para o projeto, por isso esse texto tem

um viés grande pela enorme admiração que a artista exerce no grupo da Zagut. Foi na inauguração, participou da exposição Doação, foi na foto coletiva na praia dessa exposição realizada por Rogério Reis, foi na conversa com os artistas, foi filmada. Depois participou da exposição Longevos, apenas com artistas com aproximadamente 80 anos ou mais em plena atividade. Foi uma das primeiras a concordar em doar uma obra para o leilão beneficente para as vítimas de Petrópolis organizado pela Zagut com o leiloeiro Ernani, cuja renda foi entregue à Paróquia da Lagoa que organizou a entrega de cestas básicas para 70 famílias por um ano.

A casa da Anna Bella é um ateliê, a casa inteirinha. Desistiu de manter um ateliê fora de casa por trabalhar bastante de madrugada. Tenta manter um canto para sua produção, mas a sua arte ultrapassa esse espaço. São caixas prontas para o transporte de uma exposição em outro país, são obras que está olhando para escolher para uma outra, são obras antigas expostas, seus mapas deliciosos, são mapotecas que escondem tesouros os mais diversos, caixinhas...

Foi ao longo da vida se preparando muitíssimo. Começou a estudar com a Fayga nos anos 50, quando se forma em Línguas Anglo-Germânicas na Faculdade Nacional de Filosofia (UFRJ). Ali reconhece a importância da palavra. Convive com Manuel Bandeira, seu professor, para quem imprimiu imagem para seu poema Boi Morto. Fayga era intelectual e artista, a considerava um gênio da arte, seu irmão namorava sua irmã e por isso pediu que lhe desse aulas. Muda-se por alguns anos para Nova York, estuda com Hanna Levy, outra professora de grande importância. Quando volta de NY frequenta o recém-aberto ateliê de gravura do MAM RJ no início da década de 60, em especial em metal. Há outros alunos como Ruth Bess e Anna Letycia Quadros. Depois passa a dar aulas ali.

Sua trajetória como professora é praticamente tão longa quanto sua carreira. Retorna a NY no final dos anos 60, ao ganhar um prêmio do Jornal do Brasil, onde ministra aulas durante 1 ano. Ensina no Higher Institute for Fine Arts (HISK), Ghent, Antuérpia e na Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV), Rio de Janeiro, desde 1970. Muitos dos mais importantes personagens das artes foram seus alunos, como Fernando Cocchiarale, Paulo Herkenhoff, Ivens Machado, Sonia Andrade, Letícia Parente e entre os artistas da Zagut, como Anna Braga, Lando Faria.

Em 87, com Cocchiarale, publica o livro Abstracionismo Geométrico e Informal: a vanguarda brasileira nos anos cinquenta, um ícone até hoje.

Com o currículo impressionante, desde cedo participa de exposições emblemáticas. Em 52 participa do 1º Salão de Arte Moderna, entre outros diversos que se seguirão; em 1953, da 1ª Exposição Nacional de Arte Abstrata, no Hotel Quitandinha, em Petrópolis; em 1954 faz sua primeira individual no Canadá; em 1961 da 6ª Bienal de São Paulo; em 1963 da 7ª, e também da 1ª Bienal Americana de Gravura entre outras que vão ocorrendo e também nesse

ano ganha o Salão Paranaense; em 65 da 8ª e em 67 da 9ª de São Paulo. Ao ser criado o Salão Nacional de Artes Plásticas, participa em inúmeras edições.

Também desde os anos 60, expõe no exterior: na Holanda, no Japão, Argentina, Inglaterra, Alemanha, Espanha, Cuba, França, China, Suíça, México, Bélgica, Portugal, uma trajetória que se mantém ao longo das décadas. Com gravuras participa de bienais, exposições do Museu de Curitiba, exposições internacionais, no CCBB.

Em 1978 participa da Bienal de Veneza, faz uma individual no MOMA, em 80 vai novamente para a Bienal de Veneza e em 81 para a de São Paulo. Em 85 volta à Bienal de São Paulo, e em 89 mais uma vez, assim como em 98. Na do Mercosul, participou da 1ª e da 8ª. Em 2019 da de Curitiba. Em 94 volta ao MOMA. 97 vai para a Bienal de Havana. Em 98 na Bienal de Cuenca.

As coletivas ocorrem em diversos museus em muitos países, como Guggenheim, Museo del Barrio, National of Womens in the Arts, Serralves, no Arizona, em Miami, Reina Sofia, Fundacion PROA, The Modern Institute, Phoenix Art Museum, Atchugarry em Miami, Mana Chicago, MO.CO Montpellier Contemporain, Museum of Contemporary Art of San Diego, Brooklyn Museum, MORI em Tóquio, Smack na Bélgica, Foundation Cartier d'Art Contemporaine, Centre Pompidou.

No Brasil expos em inúmeras importantes instituições: na fundação Bienal, CCBBs, EAV Parque Lage, Itaú Cultural, Light, Oi Futuro, SESCs diversos, Casa das Rosas, Caixas Culturais, Vera Chaves Barcellos, Iberê Camargo, Roberto Marinho, Casa França-Brasil, Tomie Ohtake, Solar dos Abacaxis, Parque das Ruinas, Eva Klabin, Pinacoteca, Onze Janelas, Paço, MAM RJ, MAC Niteroi, MAM SP, MASP, MNBA, da República, Oscar Niemeyer, de Arte Moderna da Bahia, de Arte Contemporânea de Goiás, de Arte Contemporânea do Ceará, de Arte de Santa Catarina, de Arte Contemporânea do Paraná, da FAAP, MAR, MUBE, Histórico Nacional, IMSs, MAST.

Tem inúmeras individuais, tanto em terras cariocas quanto alhures: Bonino, Art, Relevo, Goeldi, Saramenha, Paulo Figueiredo, Milan, Ibeu, Nara Roesler, Laura Marsiaj, Almacén, Bergamin e Gomide, Simone Cadinelli, Mendes Wood, Danielian...incluindo nos EUA, Canadá, etc.

Está presente em importantíssimas coleções brasileiras: Sattamini, Chateaubriand, Barcellos, Marinho. E no exterior, do Austin Museum, da Petitgas, a do MoMA (Nova York), do Centre Georges Pompidou (Paris), Tate Modern e Victoria and Albert Museum (Londres), Getty Institute (Los Angeles), The FOGG Collection (Boston), Serralves no Porto, , o Frankfurter Kunstverein, Frankfurt am Main, o Museu Nacional Centro de Arte Reina Sofia, em Madrid, o Museu de Arte Contemporânea em Chicago, Museu Nacional das Mulheres nas Artes, em Washington entre outros.

Sua arte é inicialmente experimental e abstrata. Inicia a cartografia do corpo. Depois passa a interessar-se por fronteiras e culturas, em especial

devido às questões políticas do país. Nos anos 70 experimenta fotografia, xerox, serigrafia, cartão postal e vídeo. Expõe nessa mídia no Rio, em Chicago, na Filadelfia, na Alemanha, como pioneira que foi. Em 1972 Circumambulatio começa no MAM RJ, depois vai para o Museu da USP, instituições onde exporá várias outras vezes. Em 80 começa a pintar também. Em 82 ganha a bolsa Guggenheim, e em 83 expõe no museu. Na década de 90 começa suas cartografias. Durante a Eco 92 participou de exposição com esse tema no MAM RJ. Em 97 Constelações faz uma trajetória por várias cidades. Em 2005, Imagem Sitiada também percorre algumas cidades. Expõe no Oi Futuro com auxílio da tecnologia para ampliar a presença do espectador na mostra.

Em 2004 recebe a Ordem do Cruzeiro do Sul, em 2006 recebe a Ordem do Rio Branco durante o governo Lula, em 2010 a Ordem do Mérito Cultural. E nas artes, como o Casa de Las Americas em Havana, na Bienal del Dibujo em Buenos Aires, na Bienal de Cuenca, e o de crítica da ABCA.

Reflete firmemente sobre sua obra. Explica: “Tenho um trabalho bastante gráfico desde o começo de minha carreira”. Nas recentes exposições do MASP e do SESC em São Paulo, entre arquétipos humanos e a espiritualidade, a Circulambulatio se liga através de linhas imaginárias à geopolítica, que se transforma em Geopoética. Conversa com o Canal Curta: “Trabalhando com as tirinhas das folhas de cobre, queria que o mapa pulasse do bi para o tridimensional”. Costura, cria tensões, entrelaçando...Cria miniaturas de restos de ruínas. Borda caminhos nos desenhos. Gavetas são fronteiras que seguram os mapas, considera que foi uma visão, algo religioso. Faz Burocracia em 78, e o vídeo 5 anos após. Em desenho em rolos de 3 metros, sem começo nem fim, Marcio Doctors refere que o trabalho é bidimensional, mas se transforma ao ser enrolado (rolo da Ester).

Depois do percurso na trajetória da artista, se descobre que ela também é uma força da natureza!

ANNA Bella Geiger. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa296/anna-bella-geiger. Acesso em: 19 de dezembro de 2022. Verbete da Enciclopédia.
ISBN: 978-85-7979-060-7

https://www.youtube.com/watch?v=ibuFCMqmUmo

https://www.youtube.com/watch?v=ROgo8-szpYM

https://www.youtube.com/watch?v=g04nXwxDDr4

https://www.sescsp.org.br/a-exposicao-anna-bella-geiger-brasil-nativo-brasil-alienigena-abre-as-portas-no-sesc-avenida-paulista/

“todo problema, em certo sentido, é um problema de uso do tempo”

Georges Bataille

Transições

Carlos Taveira

Em janeiro de 2023 é dado início um novo ciclo de tempo que nomeamos na palavra “ano” e dura um período de 365 dias. Trata-se da organização temporal costumeiramente estabelecida sob o circuito do planeta em volta do sol e que serve como algo partilhado coletivamente na esfera global. Além disso, fomos habituados ao calendário gregoriano, mantendo outras formas locais de medição do tempo.

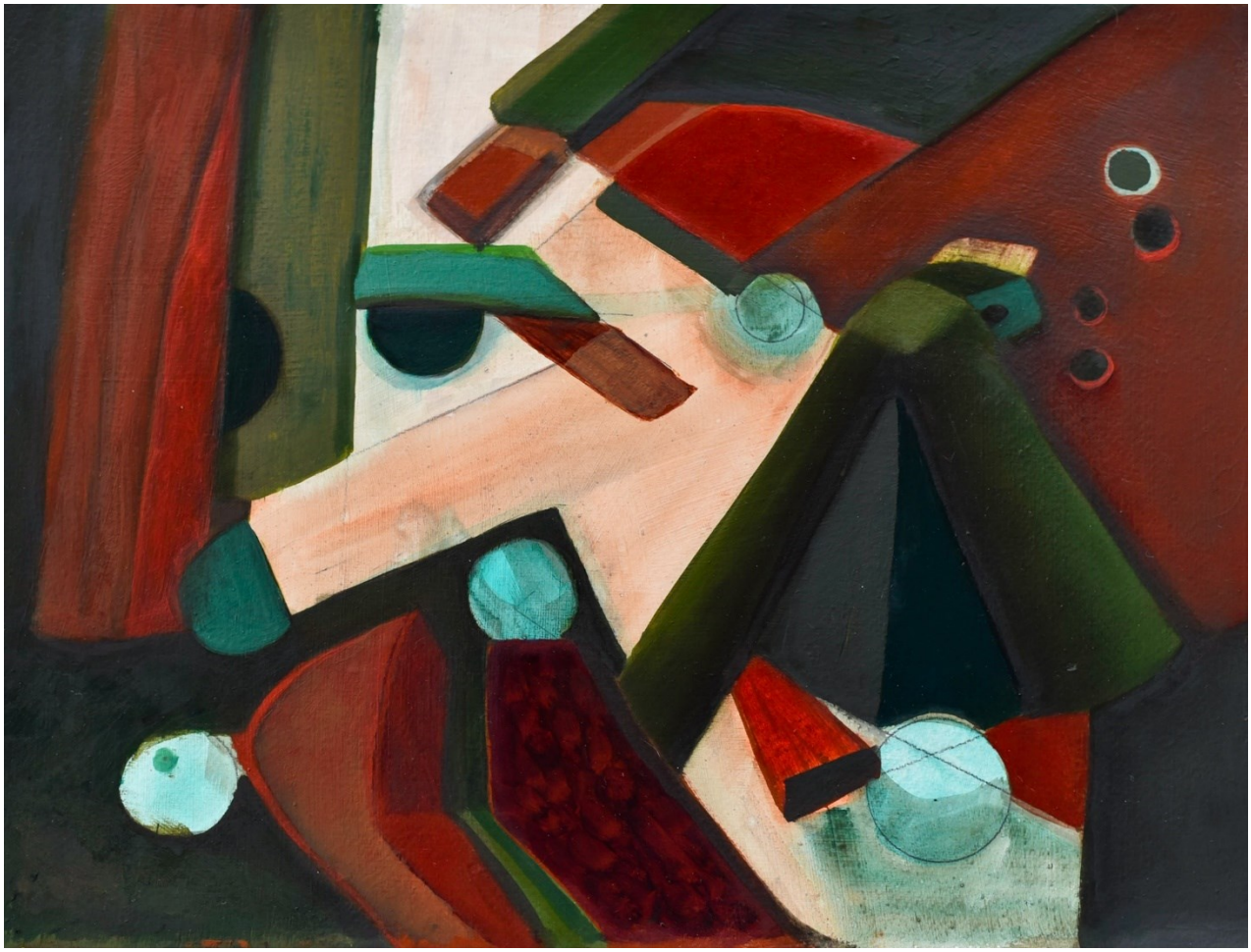
A gestão do tempo pode ser também particularizada e vivida totalmente na esfera subjetiva. Cada sensibilidade pode ser traduzida dentro do espectro interior de cada indivíduo em complexos signos e sentidos pessoais. Um “ano” pode começar, não somente, em primeiro de janeiro, mas sim, em algum marco singular da vida.

Nesse ponto podemos estabelecer como a sincronia, ou seja, o encontro de tempos diversos continua sendo pilar essencial nos estudos sobre a experiência humana e como o advento da Arte pode proporcionar novas formas de existir.

No contexto do início de novo ano e da renovação dos desejos individuais que a primeira exposição da Galeria Zagut de 2023 propõe um tema híbrido permitindo que os artistas exponham qualquer trabalho do seu acervo criativo pessoal, e estimulando homenagens à grande artista brasileira Anna Bella Geiger que comemora 90 anos no próximo quatro de abril. Desse encontro entre a contribuição cultural e artística de Anna Bella Geiger na cultura, e sua influência ímpar capaz de deixar marcas e inspirações para o futuro que pretendemos deixar esse catálogo como uma cápsula do tempo. Um projétil lançado no tempo rumo ao devir.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Diante do Tempo: História da Arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015

Adriana Montenegro

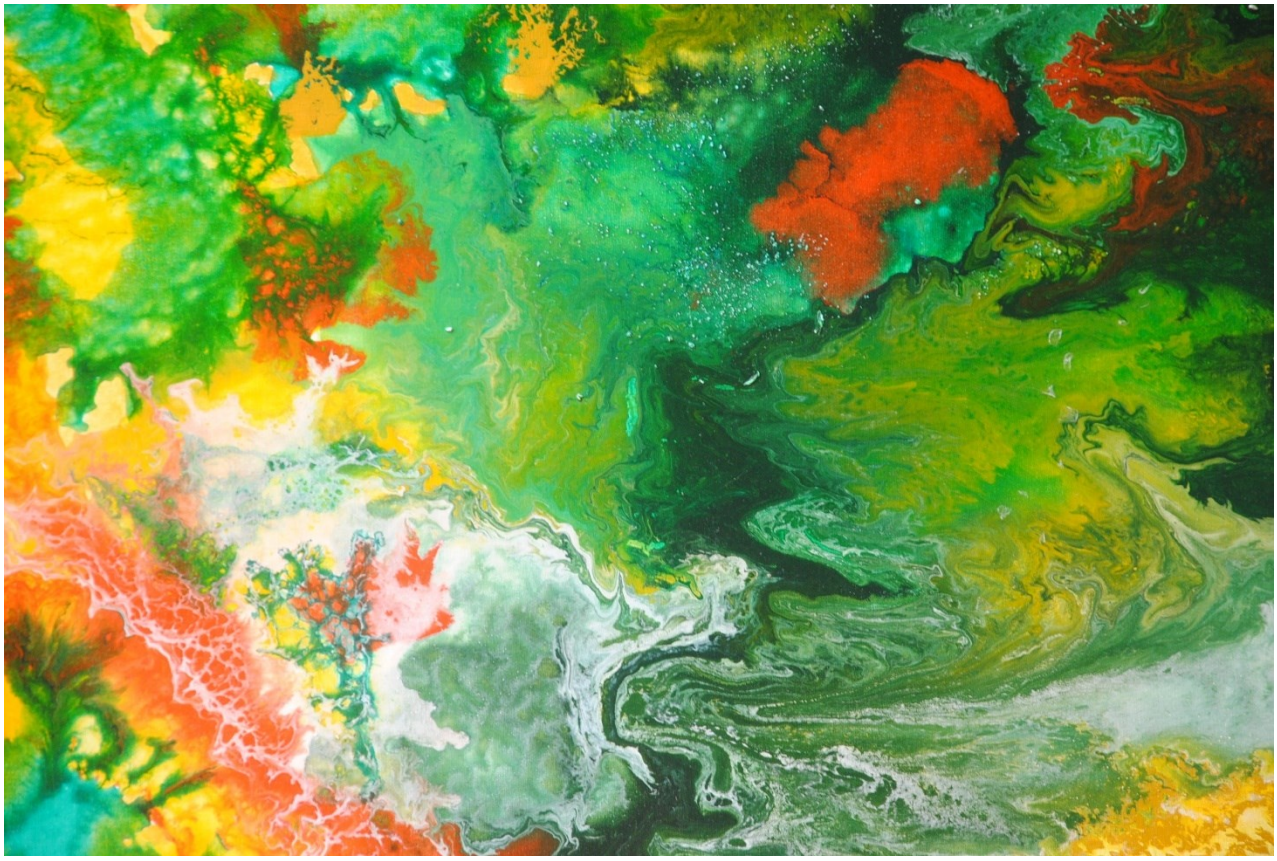


Sem título; técnica mista; 21 x 29,7; 2022

Ana Luiza Mello

Miscelânea Criativa; arte digital, impressão fine art s/ papel de algodão; 30 x 110 cm; 2023

Antonio Garcia

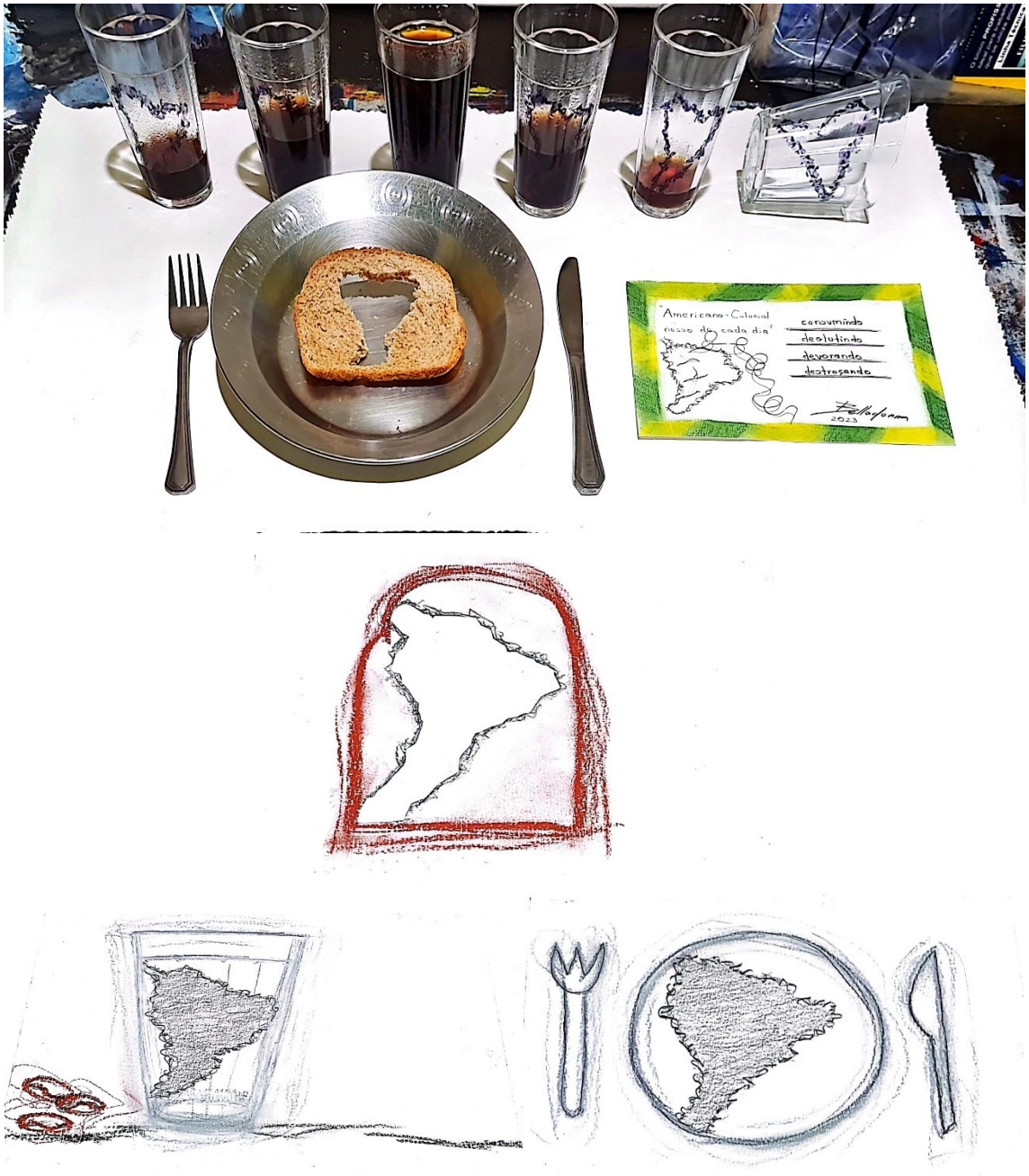


AMAZÔNIA; óleo e têmpera s/ tela; 80 x 60 cm;

Augusto Herkenhoff

Atelier David; acrílica s/ tela; 130 x 240 cm; 2012

Belladonna



Americano-colonial nosso de cada dia; instalação (copos americanos, prato de alumínio, talheres, fatia de pão, café coado) e desenhos a pastel seco e grafite s/ papel de média gramatura (8,5 x 6 cm); medidas variáveis; 2023

Releitura-homenagem de "O pão nosso de cada dia, 1978", me utilizando de elementos de forte significados em nossa história clássica e contemporânea. Elementos que evocam a força da brasilidade, mas de fortes questionamentos.

Benjamin Rothstein

Sem título; acrílica s/ tela; 99 x 122 cm; 2022

Bill Allen

Sem título; monotipia, óleo s/ papel; 60 x 61 cm

Carla Crocchi

Miragem; arte digital; 50 x 70 cm; tiragem única; 2022

Chica Granchi

To Anna Bella Geiger, The Queen; acrílica, esmalte, papel s/ tela; 30 x 30 cm; 2022

Cláudia Carneiro

Trama; acrílica s/ tela; 30 x 40 cm; 2022

Claudia Watkins

Vendo castelos; técnica mista s/ tela; 35 x 35 cm; 2010

Cunca Bocayuva

O Órgão do artista no esboço do ateliê virtual; arte digital; 65 x 45 cm; tiragem única; 2022

Deneir

A Serpente e o Arco-Íris; madeira, vidro, papel machê e fitas de seda; 15 x 115 x 195 cm; 1996

Dirce Fett

Tucano com as margaridas; acrílica s/ tela; 30 x 30 cm; 2019

Dora Portugal

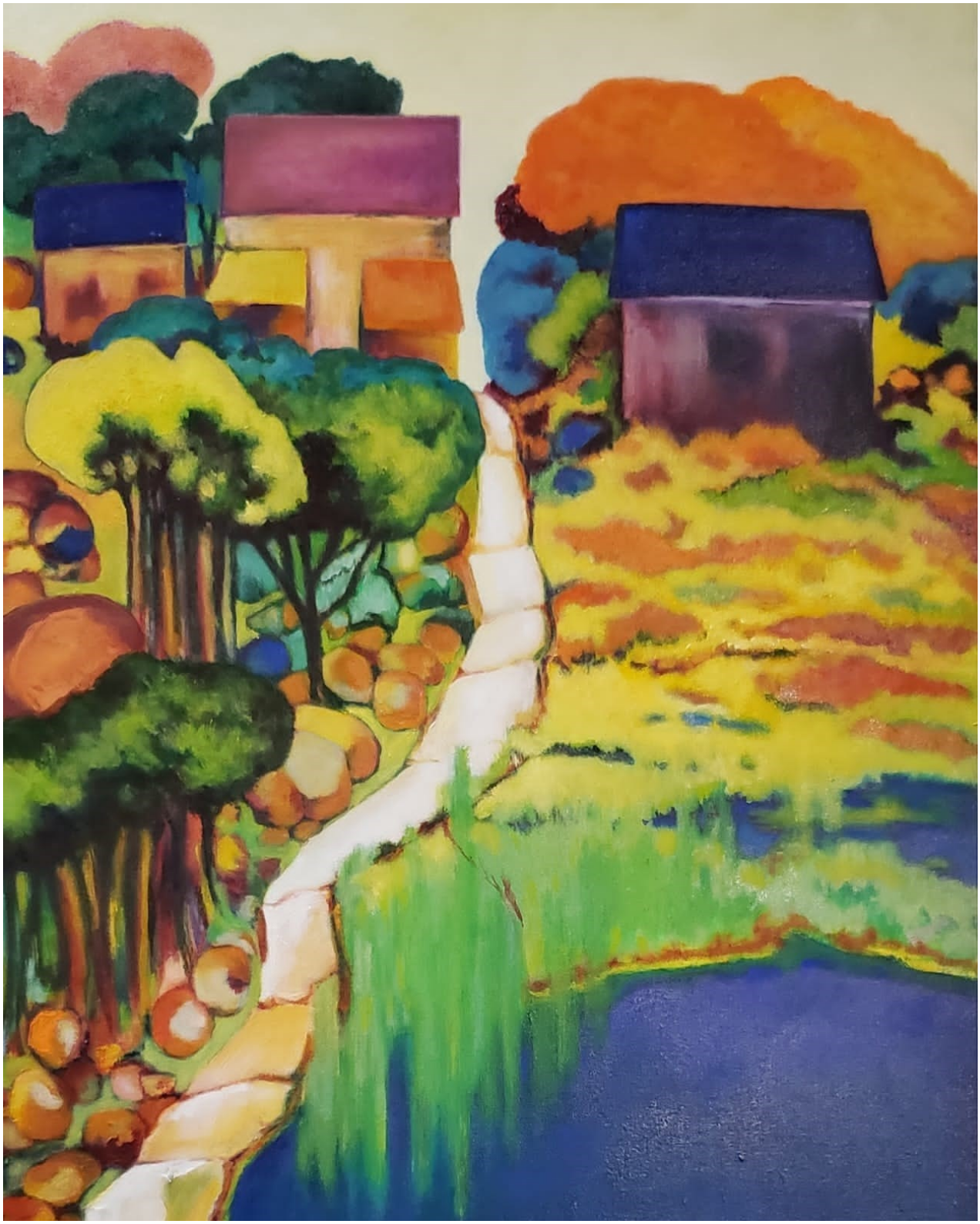
Sem título; xilogravura s/ Canson 300 g.; tiragem única; 61 x 21 cm; 2023

Eduarda Serra Barreto

Origem da série Raízes; lápis aquarelável s/ Canson; 20 x 25 cm; 2022

Ponto inicial da arqueologia interior, ascendência e continuidade no tempo espaço da memória na obra de arte.

Gloria Conforto



Obra Caminho; óleo s/ tela; 70 x 50 cm; 2020

Guto Goulart

Sem título; acrílica s/ tela; 108 x 95 cm

Hortensia Pecegueiro

Trinta e sete anos se passaram, A energia da vida ainda pulsa e dança/ A criação é prazer e propósito, / O tempo de arte é sempre.

Entre séculos, autorretratos (1986 – 2023); pastel seco s/ papel Fabriano; 34 x 34 cm; 2023 e ecoline s/ papel Canson, 32 x 32 cm, 1986

Ilda Fuchshuber Falacio

Pão de Açúcar; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2023

Iraceia de Oliveira

Escrita originária; papelão pintado em acrílica, recortado, colado s/ placa de papelão; 69 x 77 cm; 2022

Isabella Marinho

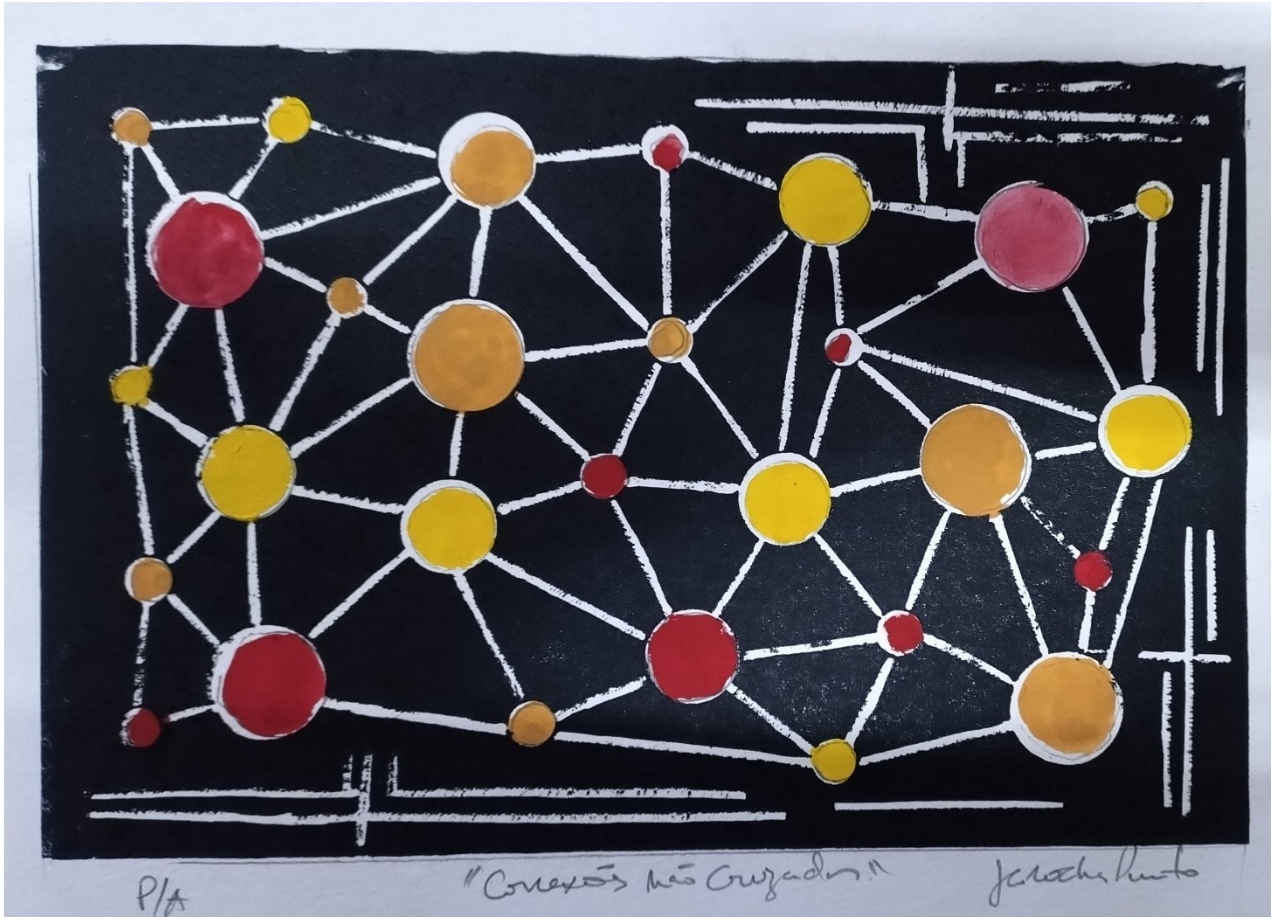
ALÔ CHEGUEI (díptico); técnica mista; 76 x 76 cm cada; 2021

Izabel Vidal

Charola; escultura, técnica mista; 200 x 250 cm; 2015

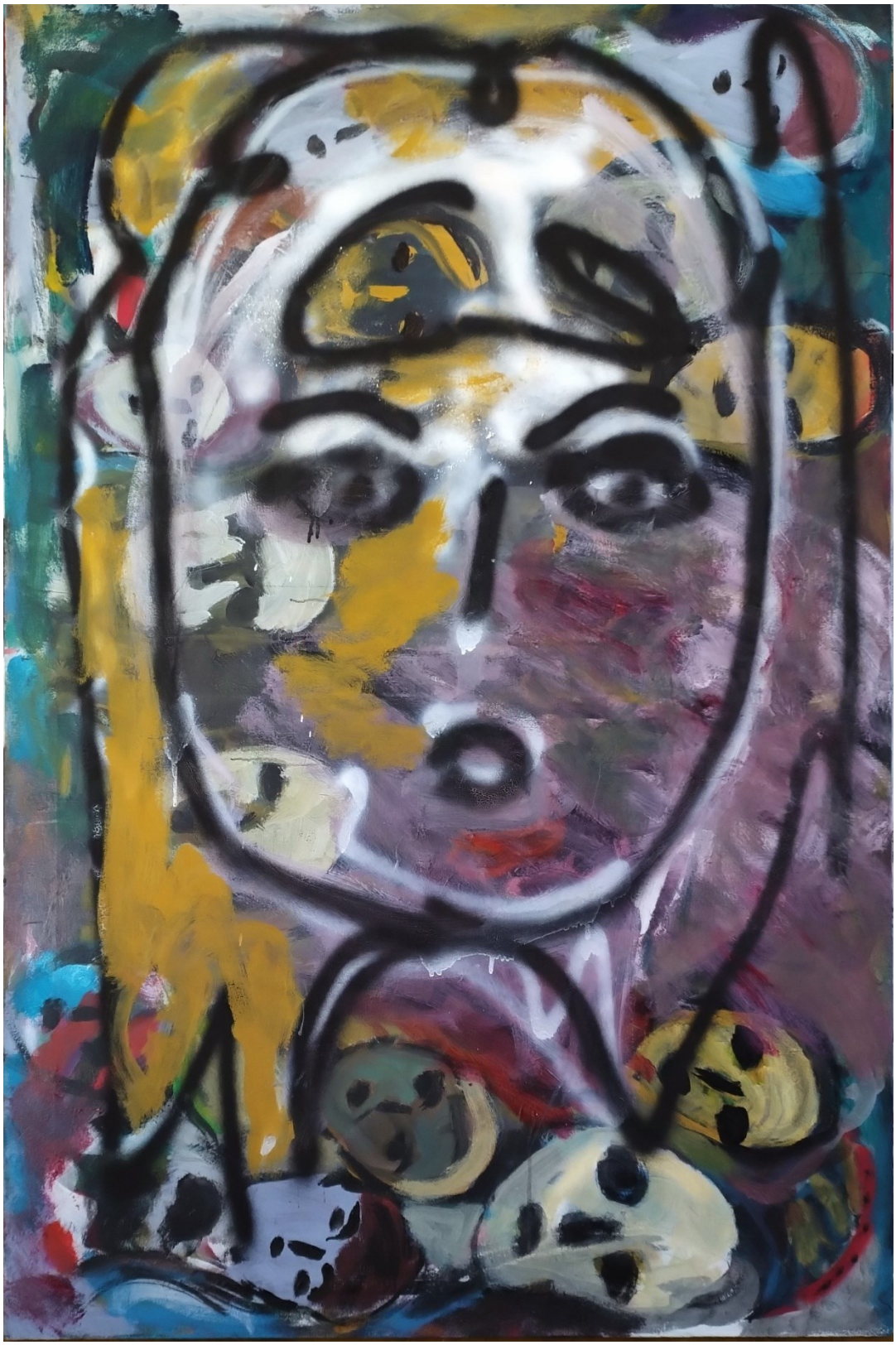
"ibiti eniá kó si, kó si imalé" "O provérbio iorubano afirma: " Onde não há ser humano, não há divindade. Esta charola, em formato de barco com duas proas e dois lados distintos, ilustra a frase em iorubá com flores e símbolos religiosos. No lado africano está a Iemanjá negra na proa e atrás dela, a Iemanjá brasileira. Esta encontra-se de frente para o casario do barco decorado com chitão. As janelas são de espelho; em uma delas há uma foto de uma moça morena em sintonia com seus orixás. No telhado do casario, um altar com São Benedito e acima, uma tenda formada por duas velas de barco, onde se encontra Nossa Senhora Aparecida (padroeira do Brasil). Fechando a tenda, o Divino Espírito Santo une ambos os lados do barco. Do outro lado do barco está escrito: " Onde não há ser humano, não há divindade". Na proa, Nossa Senhora da Conceição e atrás dela, Santo Antônio de Categeró, de frente para o casario. Flores e terços adornam o altar. Na janela central deste lado há uma foto de um senhor quilombola rezando aos pés de Nossa Senhora das Neves, sua devota. No telhado, um altar com Nossa Senhora do Rosário e sob a tenda feita de velas de barco, está Nossa Senhora da Penha, padroeira do Espírito Santo. Finalizando, o Divino Espírito Santo converge as duas religiões para um só Deus.

JC Rocha Pinto



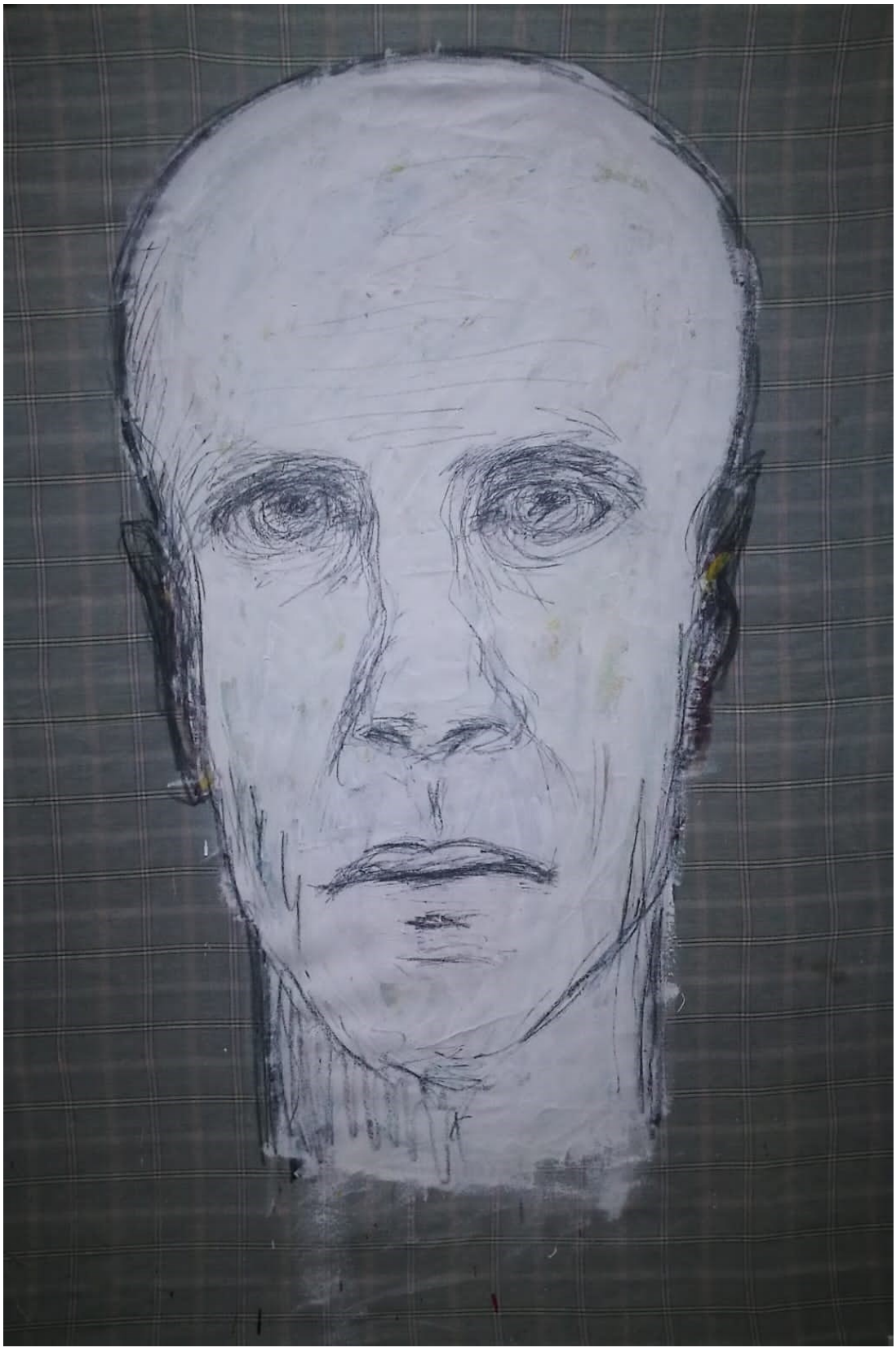
Conexões não cruzadas; xilogravura; PA; 24 x 32 cm; 2023

Jorge Cerqueira



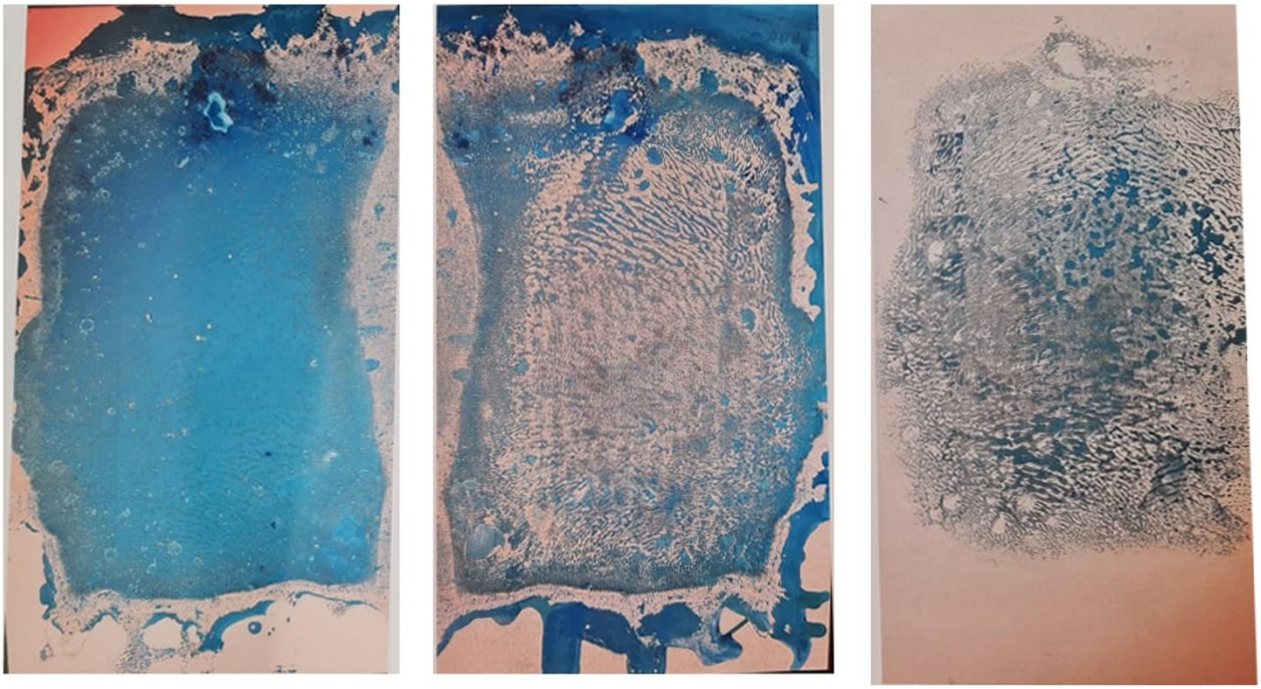
SOLIDÃO; acrílica e grafite s/ tela; 150 x 100 cm; 2023

Lando Faria



Sem título; acrílica s/ linho; 130 x 90 cm; 2022

Laudy Mendes



Matrizes; fotografia de monotipias; 20 x 30 cm cada; 2023

Usando a Fotografia como uma camada de expressão dessas sequências únicas e interligadas por Um primeiro

Leila Bokel

O silêncio das cores; técnica mista (tecido, acrílica e fio de algodão); 33 x 35 x 35 cm; 2022

Let Cotrim

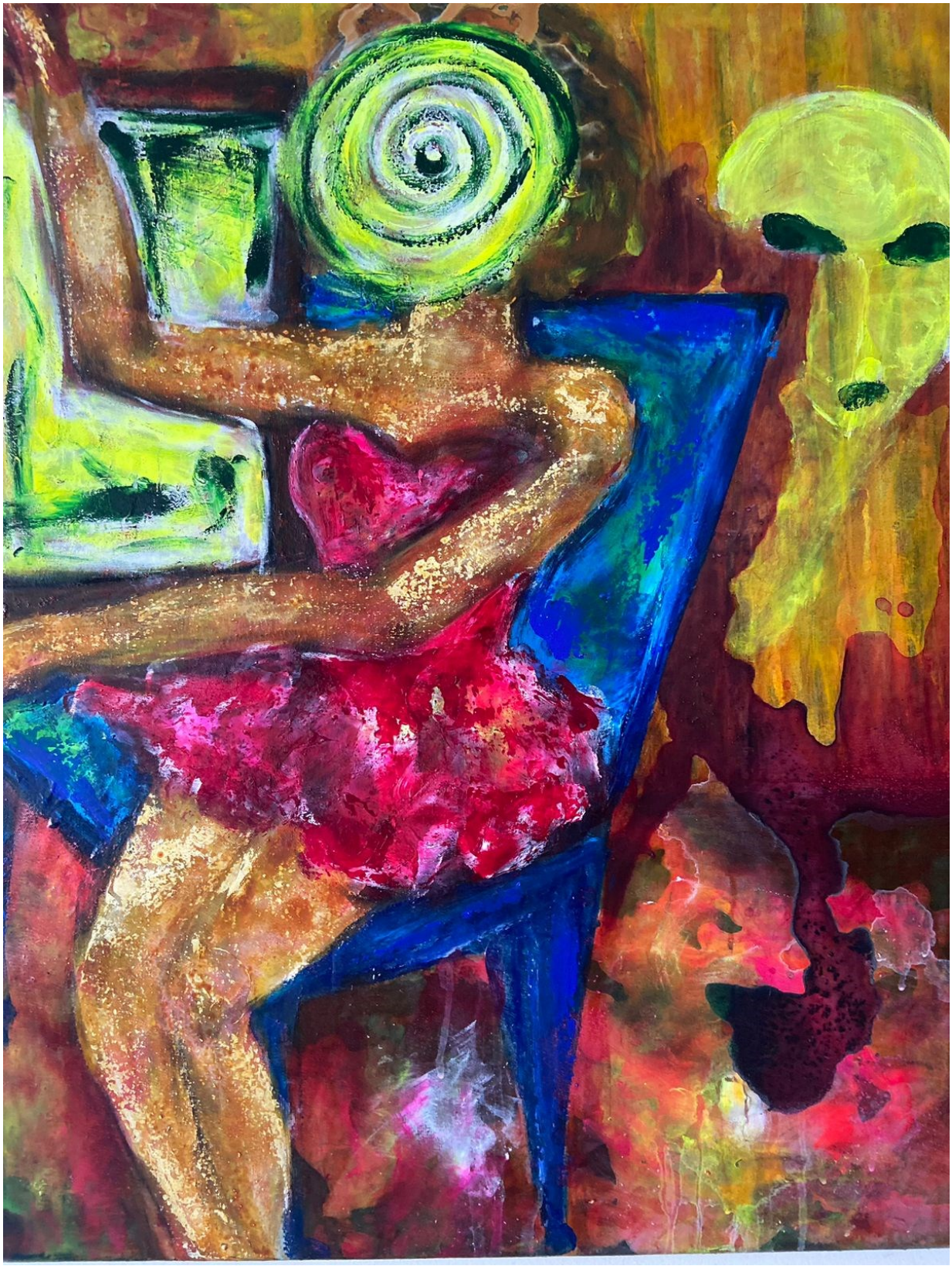
A partida; fotografia digital, impressão fine art em papel Hahnemühle Photorag Baryta 315g (acabamento brilhante); tiragem 20; 60 x 33 cm, 2020

minha leitura muito pessoal sobre a série “Cais e oceano” da artista Anna Bella Geiger. O cais, o molhe, o porto, todos são limites criados pelo homem, como se o concreto fosse capaz de protegê-lo totalmente da força do oceano. A partida de um porto implica em um mergulho no desconhecido, no incontrolável, em deixar-se levar a despeito do rumo que o barco pode tomar.

Lia do Rio

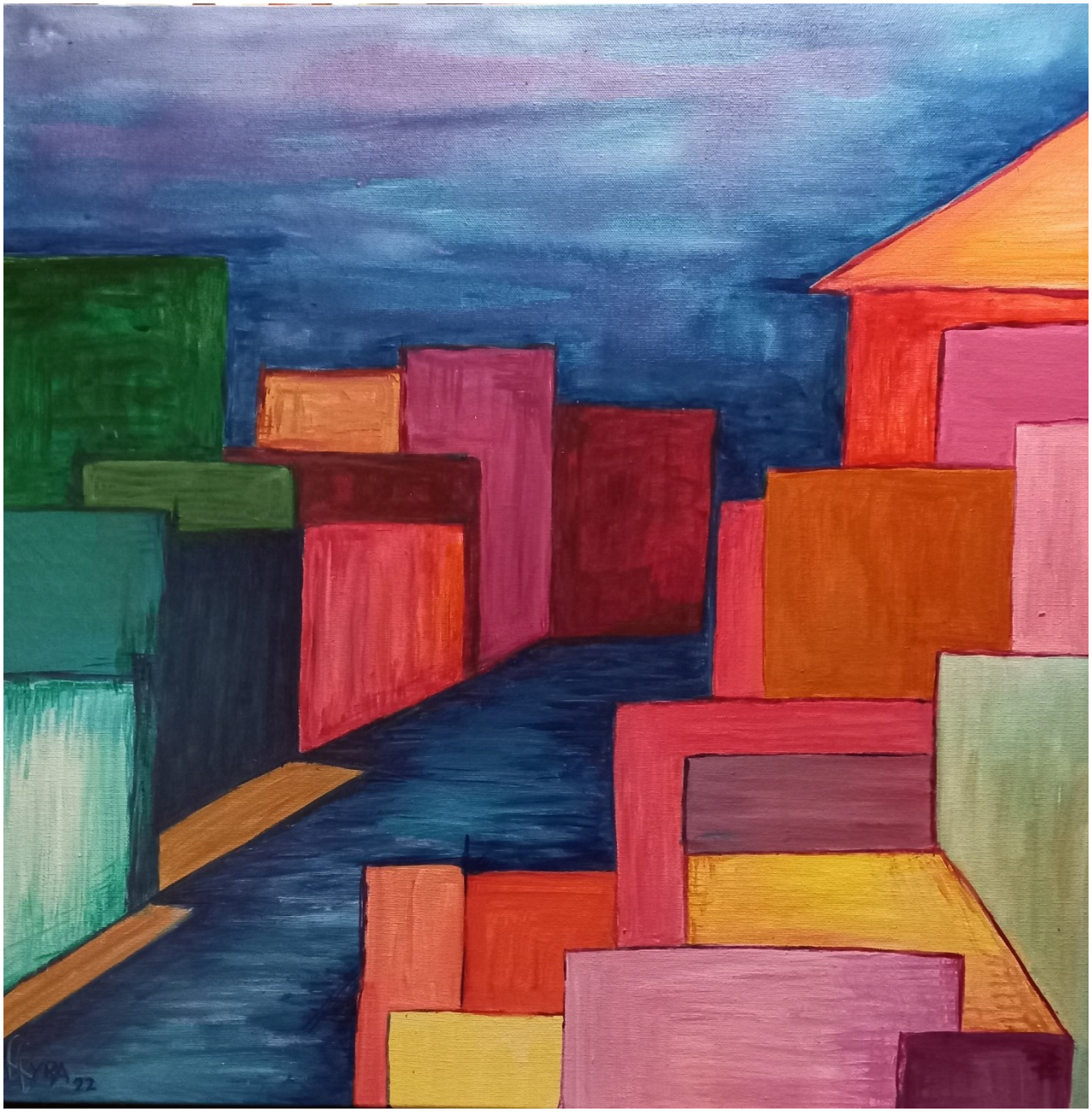
SOLARIUM (land art); paisagem, pedra, telhas e sombra da artista - foto montagem, 40 x 60 cm emoldurada; tiragem única; 2021

Luah Jassi



Atelier de Artista; técnica mista; 60 x 40 cm; 2023

Lucia Lyra



Arrebol; acrílica s/ tela; 50 x 50 cm; 2022

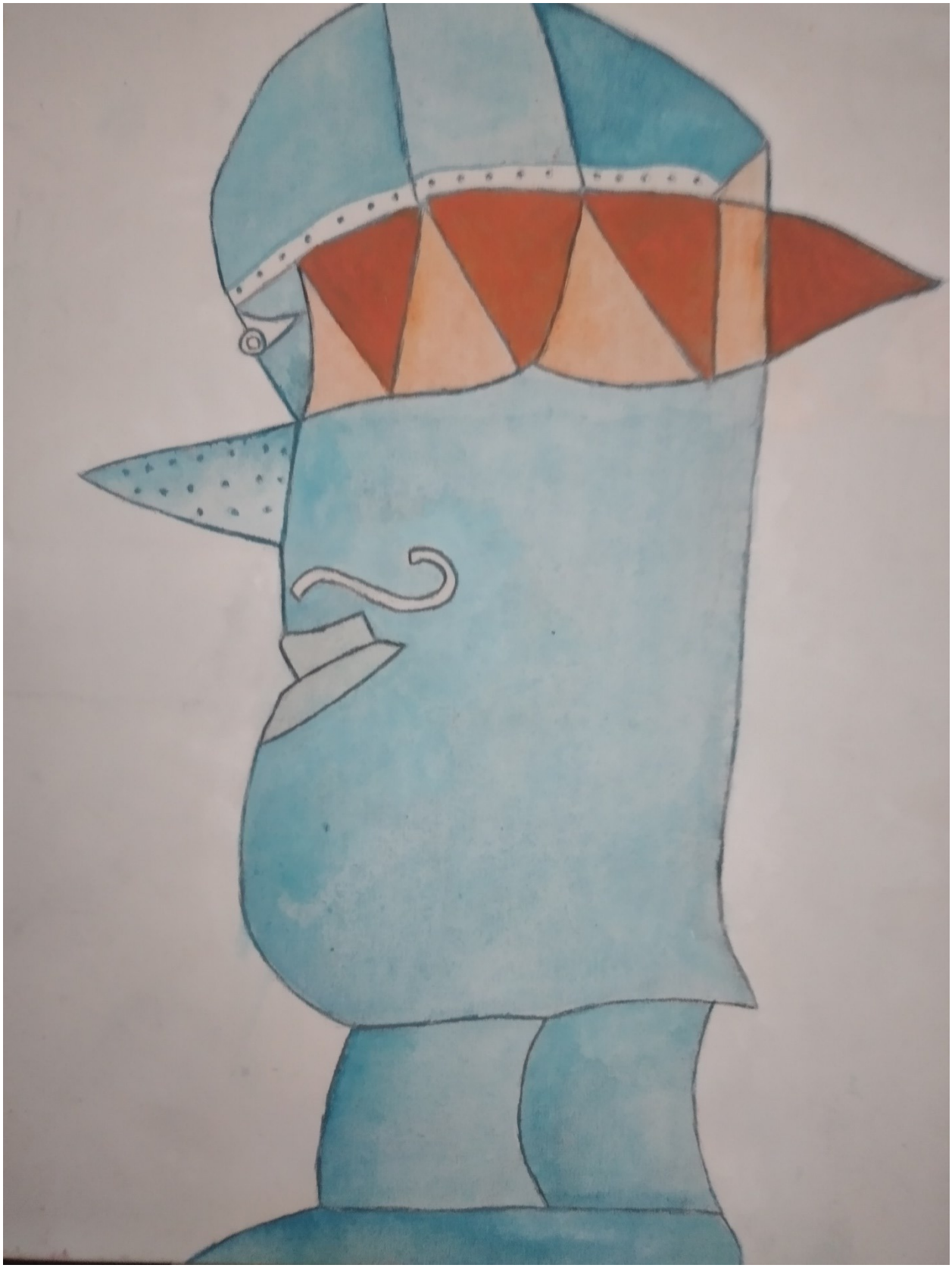
Luiz Norões

VIOLÃO; óleo s/ tela; 112 x 97 cm; sem data (acervo Vera Lins)

Marcelo Veiga

Moonlightning e Praia Seca: A paz de veraneio, está aqui; arte digital, impressão fine art; 21 x 29 cm cada; tiragem 6 cada; 2023

Marcia C.Cavalcanti



Arte Moderna; acrílica s/ tela; 29 x 39 cm; 2014

Maria Cecilia Leão

A fome; desenho com lápis aquarelável, giz pastel e isogravura em papel Canson 200 g/m²; 40 x 60 cm; 2023

MarQo Rocha

Penseiro pensando; desenho a carvão s/ papel cartão; 66 x 48 cm; 2023

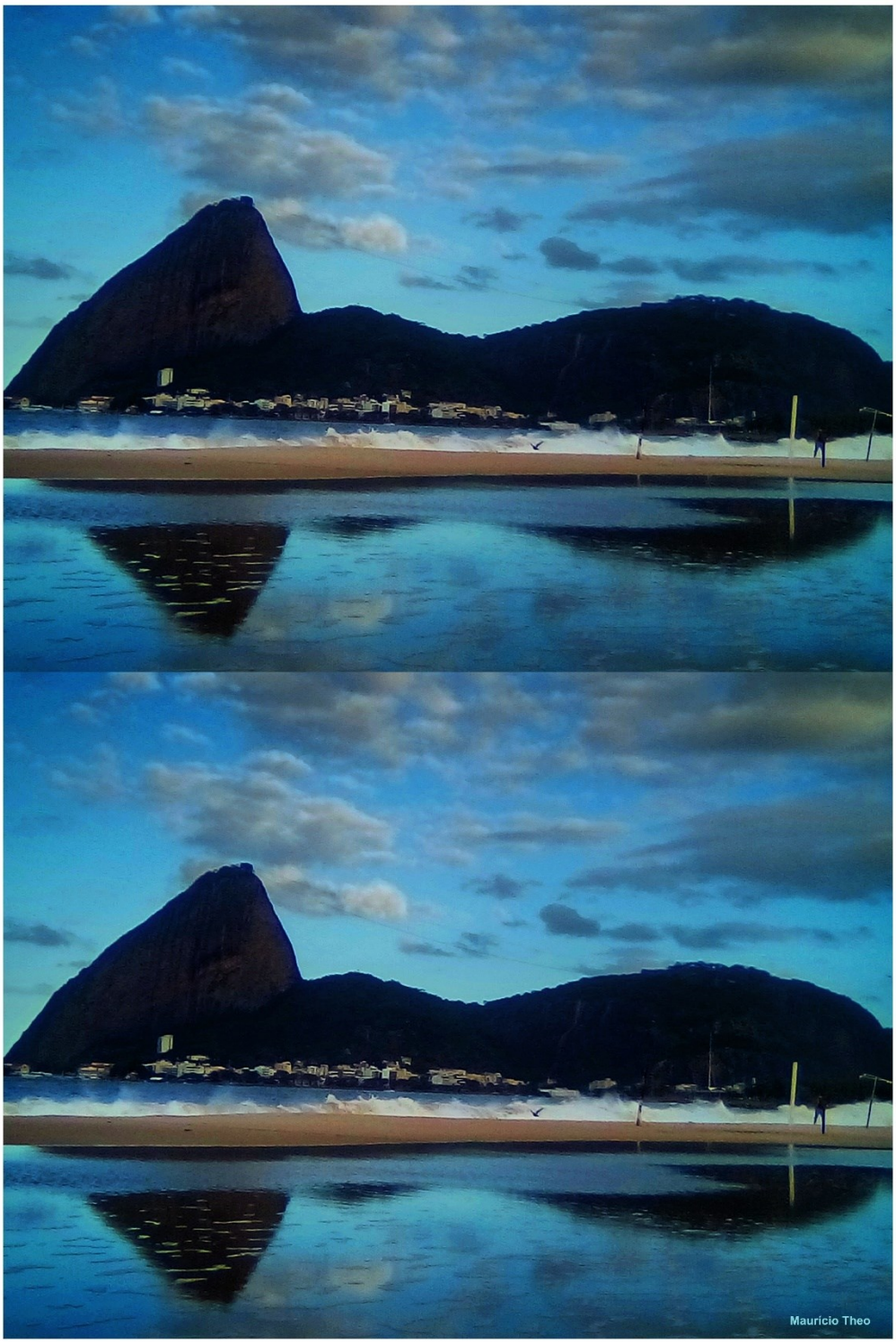
Marta Bonimond

Astele = lascas, varetas; acrílica, gouache, casca de alho, lasca e varetas de madeira s/ papelão; 50 x 100 cm; 2013

Marta Strambi

Pronta entrega com gordura; grés, ferro e pedra; 108 x 65 cm; 2020. Foto: Mauricius Farina

Mauricio Theo



Atelier de artista; fotografia digital, impressão fine art; tiragem 5; 55 x 80 cm; 2023

Mauricius Farina

Terra seca; diapositivo 6 x 7 cm; 90 x 70 cm; tiragem única; 2002

Miro PS

Trono; instalação; 175 x 60 x 60 cm; 2015. Vídeo projetado: Time Reloaded 90''

Trono nos remete a poder, mas no caso, esse poder enferruja, fica obsoleto, vira sucata e polui o meio ambiente. O Trono está sobre livros, isso porque muitas vezes o poder fica acima do conhecimento, das emoções e da razão, infelizmente. A iluminação dessa instalação é realizada através da projeção do videoarte de 2 minutos, intitulado “Time reloaded”. Esse vídeo foi criado e editado, utilizando trechos dos filmes tempos modernos de Charles Chaplin e Matrix Revolution dirigido pelas irmãs Lana e Larry Wachowski. A execução constante desse vídeo, emite luz, movimento e ruídos moderados de máquinas trabalhando, o que dá vida à instalação.

Noemi Ribeiro

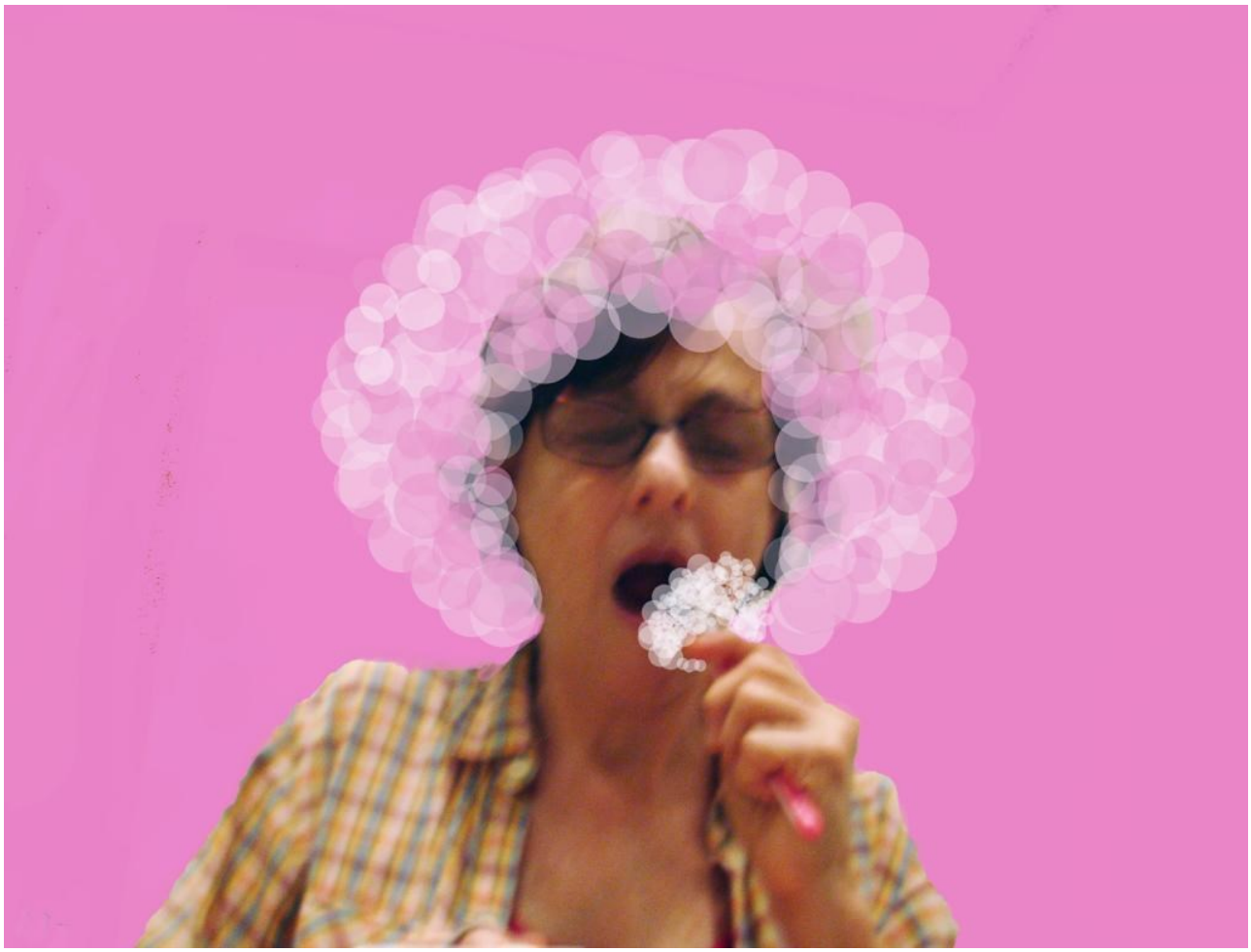
LUVAS; composição digital, impressão fine arts s/ Canson Cotton 100%; 35 x 35 cm; tiragem única; 2023

Regina Moura,

Série En-tranhas; arte digital a partir de acrílica s/ tela, impressão fine arts s/ tela; 50 x 42 cm; tiragem 5; 2022

meu atelier está dentro de mim, ideias, sonhos, sentimentos... imagens poéticas que se materializam em um espaço físico, meu canto do mundo, e em obra...

Sandra Schechtman



Autorretrato em meu ateliê; fotografia e arte digital; impressão em papel fotográfico; tiragem 11; 45 x 60 cm; 2012/22

Silvana Godoi Câmara

Compassion; óleo s/ tela; 50 x 50 cm; 2023

Sofia Armory Sampaio

Autorretrato; aquarela em Canson; 21 x 29,7 cm; 2022

Thairna Patricia Lee

Mistical autum; óleo s/ tela; 120 x 70 cm; 2020

Vicente Duque Estrada

Sem título, série sobre Santa Teresa; fotografia digital, impressão fine art; 45 x 60 cm; tiragem 30; 2017

Vitoria Sztejnman

Série We are continents I; escultura, bronze polido; 62 x 30 x 18 cm; tiragem 10; 2018